

AMOR CADASTRAL

A profissão é o Homem. Meu amigo Juca da Rua, empregado na Repartição da Planta Cadastral, a custa de lidar com os nomes de ruas e arrabaldes do Rio de Janeiro, acabou por identificar-se com eles a ponto de, nas circunstancias mais sérias da vida, não lhe sair a cidade da cabeça.

Há tempos o Juca me deu a ler, nas costas de uma planta do Rio, a poesia que segue, brado de desespero de um pobre coração vítima do abandono da sua eleita nestes versos confundem-se o homem e o funcionário; o seu astro e o seu cadastro; poderão ser lidos como um primor de lirismo piégas ou consultados como um guia da Cidade, Baedeker e Casimiro de Abreu...

Penso que é teu amor um bem perdido;
E, assim pensando, o meu martírio é tanto,
Que dos meus olhos corre, amargo, o pranto
 Como um rio-comprido ...

Se não te vejo sinto frio; a calma
Que as vezes mostro é apenas aparente;
Porém, se chegas, teu olhar ardente
 Bota fogo em minha alma !

O meu sorriso a toda gente ilude;
Não reparam que o amor que te consagro
Faz com que eu vá ficando feio e magro
 E perdendo a saúde.

E a tua suave, mística beleza
Faz-me pensar a todos os momentos
Em mosteiros, em claustros, em conventos,
Minha Santa Thereza ! ...

Outrora cheio de vaidade e orgulho,
Sinto agora minha alma combalida,
Como se andasse há séculos na vida
Pisando um pedregulho.

Queima-me o peito a rubra chama acesa
De uma paixão tão grande que até penso
Que só da mão de Deus o palmo imenso
Lhe mede a real grandeza !

De nervoso que estou a mão me treme;
No barco da existencia, em que navego
Sou como o nauta abandonado e cego
Que tem perdido o leme.

E já nem posso rir (maldito fado !)
Que por mais tempo este suplicio arrote
E em breve, eu, que era teso como um poste,
Andarei corcovado ...

Numa perigosíssima aventura
Para as lutas do amor as armas tomo;
Ele é um doirado e saboroso pomo
Mas tem a casca dura ...

Já consultei abalisado mestre
De moléstias cardíacas, porquanto
Vivo agora metido a sos, num canto,
Como um bicho silvestre ...

E o tempo vai passando e dia a dia
Mais aumenta a tortura começada;
Tem piedade de mim, criatura amada
E traze-me alegria !

Antigamente quão diverso faço
Me traçava da vida a trajetória !

Eu julgava alcançar o alto da glória
Num viver "encantado" !

Passo às vezes em pranto horas inteiras,
Lembrando os madrigais que te fazia
À sombra calma e cheia de poesia
De floreas "laranjeiras" :

- Olha que calma, que serenidade !
À beira mar um dia segredei-te,
E replicaste, em místico deleite,
À "praia da saudade"...

Os dias da semana, amor, distingo-os ;
Acho-os as vezes tão banais e futeis !
Quando te vejo, são meus dias úteis,
Os outros "são domingos".

Não era de um palácio soberana
Que junto a mim eu te quisera, amada;
Mas a sombra de uma árvore copada :
Sob a "copa a cabana"...

Entrei no "High Life" um dia; e alguém a ti
 Foi-te contar que me bispara entrando :
 A ti, Juca, disseste-me chorando,
" Bem fica " andar aí ?

Sem teu amor, curtindo amargos prantos,
 A vida passo; os dias se renovam,
 E eu rezo a S. Clemente, à S. Cristóvão,
Rezo a " todos os santos ...

Se acaso eu fôsse rico, ou se um tesouro
 Achasse um dia, ó perfida querida !
 Faria que aos teus pés, por toda a vida
Corresse " um rio douro.

Junto de ti, do amor se tive o gozo,
 Tive o ciume também que a alma devora;
 E, no entretanto, abandonado agora,
Me " retiro saudosos.

Sem a esperança de uma vida nova,
 Debalde falo a rocha do teu peito !
 Meu pobre coração, em pó desfeito,
" Ira já " para a cova.

Em tristes versos eu te canto e louvo,
 Mas sei que pobre sou de engenho e de arte;
 Meu sempiterno amor, para cantar-te
Quisera " engenho novo !

Mas com o meu estro pálido e bisonho,
 Cantando esta afeição sincera e santa,
 Amante cruel, do meu amor a planta
Às tuas eu deponho !